

Cinema nacional – A relação entre o brasileiro e a 7ª arte

Victória Freire

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Resumo: O artigo tem como proposta analisar a relação atual entre o cinema nacional e os brasileiros. Através da observação de redes sociais e tabelas informativas referentes à última década, além de uma entrevista com o cineasta Ulisses da Motta Costa, buscou-se constatar a situação entre público e produto. O trabalho foi desenvolvido a partir da recapitulação histórica do cinema no Brasil, seguido de três tópicos que objetivam entender as particularidades da indústria cinematográfica nacional, o perfil do público e seus distintos interesses. Para exemplificar os tópicos abordados de forma clara, são citados filmes nacionais durante toda a extensão do artigo.

Palavras-chave: cinema nacional, público brasileiro, críticas, produções, gêneros cinematográficos.

Introdução

O artigo objetiva uma análise da relação que se dispõe entre o cinema nacional e os brasileiros, atualmente. Para isso, foi feita a observação de dados recolhidos pela ANCINE e demais órgãos relacionados à indústria cinematográfica, além de uma revisão histórica do desenvolvimento do cinema no país, para que o artigo esteja bem fundamentado. O entrevistado Ulisses da Motta Costa, diretor, crítico e professor de cinema, também foi uma importante fonte de conhecimento para o desenvolvimento do trabalho.

Com a visibilidade e a liberdade proporcionada pelas redes sociais, não é mais necessário ser colunista de um jornal para expor opinião sobre quaisquer assuntos, inclusive cinema. A partir do acesso a sites em que são articuladas críticas e discussões em torno de filmes, pôde-se perceber que este é um hábito crescente entre o público cinéfilo. Quando colocado em questão, o cinema brasileiro gera opiniões diversas, causando dúvidas em quem as observa.

Eis que surge a questão: o nosso cinema passa por um momento de aceitação ou rejeição? Para responder ao questionamento, é preciso inteirar-se dos artifícios que estão sendo usados pelos cineastas em seu trabalho, e como é a recepção do público. É pertinente examinar o perfil deste público, o que ele espera e o que recebe, além de estudar as dificuldades de se fazer cinema no país e como podem ser contornadas.

Abaixo, seguem comentários retirados do site Filmow¹, referentes ao filme O Homem do Futuro, de 2011.

Figura 1

 3 meses atrás
Um dos poucos filmes Brasileiros que prestam, olhei 3 vezes. Excelente.
1 0 responder

Figura 2

 4 meses atrás
De modo geral, é um filme bom, mas não é o supra sumo do cinema nacional. Trilha sonora, os cenários, a ambientação são bem legais... A história em si não é surpreendente, mas é gostosinho de vê, sem apelação sexual... Wagner Moura 10, como sempre =)
1 0 responder

Figura 3

 1 mês atrás
Para um filme brasileiro é um dos melhores em minha opinião, gosto muito do ator Wagner Moura, um excelente ator.
0 0 responder

Figura 4

 4 meses atrás
eu sempre acho que a globo filmes estraga um pouco alguns filmes, mas nesse ela se superou: tenta imitar blockbuster e acaba desperdiçando bons atores, criando roteiro reciclado de vários filmes americanos, previsível, diálogos medíocres e ainda por cima o wagner moura (que é um baita ator) achando que canta bem. e olha que eu amo cinema nacional. namoral, não sei como os cultzinhos do filmow conseguiram curtir isso.
2 1 responder

Na figura 1, ainda que o autor enalteça o filme em questão, ressalta que filmes brasileiros, em sua maioria, não “prestam”, fomentando um preconceito com o cinema nacional. Na figura 2, a autora se mostra positiva em relação ao cinema

¹ Rede social colaborativa com foco em filmes e séries.

nacional, e destaca, positivamente, a falta de apelação sexual na história, algo bastante presente nos filmes atualmente em cartaz. Na figura 3, apesar de elogiar o projeto, a autora deixa transparecer um pensamento de submissão do produto nacional ao estrangeiro. Já na figura 4, um apreciador dos filmes nacionais se mostra decepcionado com a influência do cinema norte-americano, e reclama do desempenho da produtora Globo nos demais filmes.

Os comentários apresentados indicam distintas linhas de pensamento do brasileiro. Para analisá-las, é preciso entender a identidade de quem as formula, assim como a situação em que o objeto de julgamento se encontra. Este processo inclui a releitura das origens e influências que o cinema brasileiro carrega em sua reputação. Após situar historicamente o leitor, a autora desenvolverá três tópicos por ela considerados fundamentais para o entendimento do assunto.

1. O desenvolvimento do cinema nacional

Em 28 de dezembro de 1895, os franceses conhecidos como Irmãos Lumière patentearam a primeira apresentação pública de um filme com o Cinematógrafo, aparelho que gravava e projetava imagens. Contudo, foi Affonso Segretto, um imigrante italiano, que três anos mais tarde trouxe este aparelho ao Brasil e com ele teria produzido “Vista na Baía de Guanabara”, considerado o primeiro filme nacional, na data comemorada atualmente como o Dia do Cinema Brasileiro, 19 de junho.

No eixo Rio de Janeiro-São Paulo, várias salas de cinema já estavam estabelecidas em meados de 1908, elas exibiam filmes europeus, estadunidenses e alguns documentários pouco elaborados do país, gênero dominante na época. O cinema nacional avançava lentamente em relação aos demais, introduzindo a ficção, os musicais dublados por trás das telas e adaptações de livros de sucesso, como os de José de Alencar. O jornalismo e a publicidade ganharam força em união com a 7^a arte quando surgiram os cinejornais, aproveitados também pelo governo, por empresas e instituições para propagandas em seu favor, desde já fazendo uso do poder da mídia.

Com a primeira guerra mundial e o consequente enfraquecimento de produção cinematográfica na Europa, os Estados Unidos estabeleceram sua supremacia mundial. Os filmes norte-americanos se tornaram isentos de taxas alfandegárias na entrada do Brasil e a cultura Hollywoodiana tomou conta dos espectadores, enquanto a exibição dos nacionais não resistiu à concorrência e despencou. Aconteceram alguns ciclos regionais de filmagem, mas todos eles eram curtos e tinham em comum o fracasso perante as produções internacionais. Quando surgiu o cinema sonoro, a língua inglesa se tornou um empecilho para a popularização das películas, e os filmes brasileiros experimentaram um pequeno momento de glória. O brasileiro, porém, se adaptou às legendas, e o cinema estrangeiro novamente ascendeu.

Se nos anos 30 as comédias musicais dominavam a produção nacional, nos anos 40, demonstrando a grande influência exercida pelos norte-americanos, o estúdio Vera Cruz é criado visando películas mais arrojadas, e *O Cangaceiro* é premiado no Festival de Cannes. A Era de Ouro do cinema brasileiro na década passada se iniciou nos anos 60, com *O Cinema Novo*. O movimento foi idealizado por cineastas intelectuais que desejavam abordar questões sociais e mudar o país. Essa parcela de jovens engajados era pequena, mas foi suficientemente sólida para criar algo que ficou mundialmente conhecido, pelas palavras do diretor Glauber Rocha, como “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Logo, com a chegada da ditadura militar no Brasil e a censura de pensamentos, o grupo passou a fazer uso da história para criticar subliminarmente o governo.

Durante o governo militar, criaram-se leis que garantiam o financiamento de produções nacionais, e a empresa Embrafilme, em 1969, que carregava principalmente projetos do Cinema Novo. Simultaneamente às realizações da empresa, um gênero cinematográfico extremamente compatível com o perfil do brasileiro alcançou o estrelato: as *Pornochanchadas*. Estes filmes mesclavam comédia e erotismo e foram produzidos numerosamente visando às massas. De fato, o rendimento e o sucesso foram tantos que os resquícios das *Pornochanchadas* podem ser vistos atualmente em programas de entretenimento com forte apelo sexual.

Em 1974, o time de futebol do Brasil formado por craques, como Pelé, perdeu a Copa do Mundo. O país, até então tricampeão, foi tomado por um sentimento de tristeza. Ao mesmo tempo, uma crise assolava Hollywood por conta da competição com a televisão e a Embrafilme garantia distribuição dos filmes nacionais no país. Em 1981, o primeiro filme de sexo explícito foi produzido no Brasil. Chamada de Coisas Eróticas, a película levou mais de quatro milhões de espectadores curiosos ao cinema, e o gênero ganhou a indústria.

Em meados dos anos 80, os pornôs representavam cerca de 85% dos filmes exibidos no Brasil. A produção era gigantesca, a demanda era alta, e logo filmes de má qualidade começaram a ser feitos. Propagandas enganosas, utilização de atores desconhecidos no lugar das celebridades divulgadas, e o medo de ir assistir a uma película brasileira e deparar-se com conteúdo adulto sem a intenção ajudaram a construir uma imagem ruim do cinema nacional. As famílias optavam por filmes norte-americanos, que voltavam a ser produzidos e possuíam forte mídia, pois evitariam constrangimentos. Além disso, o embate de preceitos era grande no país, pois apesar da falta de pudor do cinema, o Brasil ainda se encontrava em ditadura militar.

Com a popularização do VHS, a procura por filmes adultos no cinema caiu, pois eles agora poderiam ser assistidos com privacidade. Houve uma crise de público e de produção. A Embrafilme falha, sem identidade, pois tentava copiar o cinema dos Estados Unidos. As dívidas do país aumentavam, e, com a chegada do Governo Collor, a empresa de distribuição foi fechada. Quando Itamar Franco assumiu a presidência, foram introduzidas leis de incentivo fiscais que deram condições, ainda que desleais quando comparadas às norte-americanas, para que os realizadores de audiovisual retomassem seu trabalho.

Os filmes que se seguiram demonstraram que as limitações técnicas não eram impedimento para o brilhantismo dos diretores da época, que colocaram, novamente, o cinema brasileiro no mercado internacional, e renderam três indicações ao Oscar. A Rede Globo, que em 1997 já possuía monopólio na televisão, monopoliza também a indústria cinematográfica do país com sua produtora Globo Filmes. Positivamente, o grande capital pertencente à Globo possibilita a realização de inúmeros projetos com os recursos necessários.

2. Sobre e para quem fala nosso cinema

Não se trata de novidade entre os filmes brasileiros. Desde antes do Cinema Novo, nos anos 1960, havia uma reivindicação de olhar para nossa realidade, não apenas para recolher uma justa aparência para nossas paisagens, mas também para lidar com traços de síntese das noções de país. Se não síntese, ao menos enfoques que, apesar de se dirigirem a algo específico (ao sertão, à classe média, à favela, ao analfabetismo, à imigração), não bastam em si mesmos. Anos 2000, 10 questões.

Nos anos 2000, surgem cineastas novamente preocupados em retratar minúcias do país. Ao invés de criar projetos de temática neutra, foca-se em uma realidade específica. Isto por que, o cinema, mais do que um reflexo de seu povo, tem se arquitetado no Brasil como uma autocrítica. O intuito é apresentar a dinâmica de importantes segmentos da sociedade, ajudar a defini-los. Não é feito julgamento, mas sim uma exposição de fatos. Os filmes abrangentemente taxados como Favela Movies foram sucesso de bilheteria e alcançaram estrelato mundial através de Cidade de Deus, de 2002. São exemplo de um âmbito que cresce no país, e podem ser vistos como uma tentativa de responder para a classe média a origem da criminalidade.

A comunidade espírita também se mostrou um grupo amplo e culturalmente importante nos últimos anos. O interesse pelo assunto podia ser percebido com o sucesso de filmes estrangeiros como Ghost, de 1990, e em novelas como O Profeta, de 2006, mas recentemente se tornou febre com a história de Chico Xavier. Não apenas a biografia do médium foi gravada, como também foram adaptados livros por ele psicografados. Os filmes lotaram cinemas, a obra Nosso Lar alcançou público de 1,6 milhão em 2010. Os números de espectadores contrariam as estatísticas que apontavam, no mesmo ano, apenas 2% dos brasileiros declarados adeptos ao espiritismo.

Desde que chegou ao estrelato na década de 60 com Os Trapalhões, a comédia escrachada, popular entre as crianças, manteve-se influente. Com a chegada da Xuxa, o público infantil se mostrou mais presente do que nunca nos cinemas. Entre participações nos clássicos com Renato Aragão, Xuxa protagonizou filmes como Xuxa e Os Duendes, de 2001, que foram sucesso absoluto entre os “baixinhos”. A comédia continua arrecadando muitos ingressos também com o público adulto, que não deixa de marcar presença em filmes como Minha Mãe é Uma Peça, de 2013.

O brasileiro não esconde a vontade de contar as histórias do seu povo. No século 21, a produção de filmes biográficos foi extensa, assim como a bilheteria que arrecadaram. A vida de cidadãos controversos e suas condutas diferenciadas, como a de Raquel Pacheco, do filme Bruna Surfistinha (2011), e de João Estrela, de Meu Nome Não É Johnny (2008), conquistaram espectadores fiéis. O que causa curiosidade é a trajetória dessas pessoas, que por algum feito passaram do anonimato ao conhecimento nacional.

O sucesso de filmes como 2 Filhos de Francisco (2005) e Cazuza – O Tempo não Para (2004), mostram o interesse do brasileiro pela origem e a construção de grandes artistas. O longa-metragem Jean Charles, de 2009, que conta a trágica história do jovem morto em Londres, causou comoção ao retratar as dificuldades que muitos brasileiros passam no exterior, em busca de melhores condições financeiras. Em comum, as biografias carregam um apelo, por vezes discreto, ao sentimento nacionalista.

Por ser um país tão grande, o Brasil possui identidades regionais distintas que muitas vezes têm mais força do que a unidade nacional. Um filme que obtém êxito em um estado, portanto, não é garantia de triunfo em outro. Porto Alegre é a cidade brasileira com o maior número de salas por pessoas, e, no entanto, é onde menos se vê filmes nacionais. Já o número de filmes argentinos assistidos é muito grande, manifestando a identificação do sul com o país de língua espanhola. O filme Cine Holliúdy foi lançado em Fortaleza, em 2013, tem fala e demais particularidades cearenses. Foi um sucesso em suas dimensões, devido à sensibilidade dos distribuidores de perceberem o público alvo do projeto.

Figura 5: Tabela de filmes mais assistidos em 2012, retirada do Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro de 2012

Nº	Título	País	Salas no Lançamento	Público Acumulado	Renda Bruta [R\$]
1	Tropa de Elite 2	Brasil	733	11.146.723	103.461.153,74
2	Os Vingadores - The Avengers	EUA	1.042	10.911.371	129.595.590,00
3	A Saga Crepúsculo: Amanhecer – Parte 2 O Final	EUA	1.410	9.596.275	100.816.191,89
4	A Era do Gelo 3	EUA	777	9.281.202	81.126.935,00
5	Avatar	EUA	738	9.111.628	102.346.712,00
6	A Era do Gelo 4	EUA	1.010	8.728.719	94.701.801,95
7	Shrek para Sempre	EUA	757	7.368.374	70.471.835,00
8	A Saga Crepúsculo: Amanhecer - Parte 1	EUA	1.278	7.159.227	66.362.694,57
9	A Saga Crepúsculo: Eclipse	EUA	918	6.180.071	52.605.401,77
10	Rio	EUA	1.016	6.065.476	66.019.880,41

De tempos em tempos, é feito um filme que atinge o país de norte a sul. Este filme repercute nos mais variados grupos da sociedade e as reações a ele são diversas. “Acontece quando o filme acerta o espírito da época”, afirma Ulisses. Aconteceu com o longa Tropa de Elite 2, de 2010. A película foi assistida por mais de 11 milhões de pessoas, como exposto na figura 1, a mais vista da história do cinema brasileiro. Lançada em véspera de eleições, a continuação fez ligação entre política e segurança, mostrando a sujeira por trás das campanhas. O embate entre os direitos humanos e a defesa via violência também ganhou destaque. Em suma, o filme abrange questões polêmicas e cotidianas, que estão inseridas, de alguma forma, nas múltiplas realidades do Brasil.

3. Os gêneros no cinema brasileiro

Dentre as reclamações dos espectadores em relação ao cinema nacional observadas para o artigo, uma foi recorrente: a falta de variedade temática. O cinema de gêneros explora a história em torno de um elemento determinante, que se repete. Terror, ficção científica e faroeste são exemplos de categorias marcantes e

de grande público apresentadas nos filmes norte-americanos, às quais geralmente não bastam câmera e atores. São filmes que exigem grandes produções. Fato é que, como potência mundial, os Estados Unidos têm verba para investir no cinema como nenhum outro país.

No Brasil, não apenas o dinheiro direcionado para produção audiovisual seria insuficiente para obras de tamanha dimensão, mas também faltariam recursos humanos. Um filme que requer litros de sangue falso e horas e CGI² demanda uma equipe maior e capacitada para tais atividades. As universidades, principalmente no eixo Rio-São Paulo, onde há presença de grandes emissoras de televisão, formam profissionais competentes para a área de atuação que se apresenta. No caso, visando à programação televisiva. Dominante, a comédia nacional rende filmes de grande bilheteria e gasto acessível. Os gêneros diferenciados, como os citados acima, fazem parte de uma identidade há anos construída pelos norte-americanos, a qual exercem com excelência. A competição seria pérvida, de modo a não acrescentar financeira e culturalmente ao cinema brasileiro.

A Rede Globo, que por um lado possibilita a realização de vários longa-metragens anualmente, por outro, estigmatiza uma reputação para o seu cinema. O humor encontrado em programas globais é facilmente identificado nos filmes lançados. Não apenas o script se faz presente, como também os atores e diretores famosos por novelas e seriados. É de praxe a sexualidade sendo abordada de forma infantil e apelativa. Este um campo seguro a se explorar, pois se arrecada grande audiência para as emissoras, é garantia de público. Há uma tentativa frustrada de emular a pauta politicamente incorreta adotada por outros países. Pauta, esta, que encontra lugar e forma na internet, mas não nas telas de cinema. Não à toa, muitos filmes foram estrelados por celebridades de Vlogs³ em 2013, como Meu Passado Me Condena.

A indústria cinematográfica brasileira não é tão característica quanto Bollywood⁴, mas se nela existe um componente de destaque, este é o documentário. Presente desde os primórdios da história do cinema, o gênero se mantinha popular

² É a aplicação do campo da computação gráfica para efeitos especiais em arte, filmes, programas de televisão, comerciais e simuladores.

³ Videoblogue é uma variante de weblogs cujo conteúdo principal consiste de vídeos.

⁴ Indústria de cinema indiana, popular por seus filmes musicais.

pela facilidade de sua execução. Atualmente, os documentários são fonte rica de material histórico. Evidenciam a realidade de pessoas que, sem estes relatos, não teriam voz perante a sociedade. O filme Lixo Extraordinário, de 2009, foi um importante relato das dificuldades que passam os catadores de lixo no Brasil, e trouxe discussões sobre o bruto sistema capitalista em que vivemos.

Figura 6: Tabela de lançamentos retirada do Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro de 2012

Gênero	2010		2011		2012	
	Todos os Lançamentos	Lançamentos Brasileiros	Todos os Lançamentos	Lançamentos Brasileiros	Todos os Lançamentos	Lançamentos Brasileiros
Animação	13	-	17	1	16	2
Documentário	44	31	54	41	42	34
Ficção	244	43	264	57	267	47
Outros	1	-	2	1	-	-
Total	302	74	337	100	325	83

Na figura 2, é ilustrado o número de títulos lançados por gêneros, de maneira generalizada. A alta produção de documentários/biografias confirma-se, representando 40,96% dos lançamentos de 2012. No item ficção da tabela, estão inclusas as bem sucedidas biografias e comédias brasileiras anteriormente comentadas. As animações permanecem em baixa, pois encaixam-se nos gêneros descritos como atualmente inviáveis para o país. Sobre estas, não apenas os Estados Unidos, como países Orientais têm um histórico de sucesso.

3. O dilema da distribuição

Quando se faz um filme, devem ser considerados os gastos com pré-produção, filmagem, pós-produção e promoção. Como abordado no item anterior, o Brasil não esbanja verbas para a produção audiovisual, e isso se reflete nas três primeiras fases deste processo. Quando pronto, o filme deve chegar ao público. Inicia-se, então, um procedimento caro, em que a questão financeira se apresenta, novamente, como uma limitação para o cinema nacional.

Quem faz o acordo de licenciamento de distribuição é o estúdio que anteriormente comprou os direitos da película. O distribuidor, em seguida, tem a função de apresentar o filme para os cinemas e determinar o número de cópias do filme a serem feitas. Esta decisão é tomada levando em consideração fatores como a época do ano, a influência dos atores e diretores participantes e o público alvo. Cada cópia custa, em média, 1500 dólares. Após ser exibido pelo tempo determinado no contrato, o filme é enviado de volta para a empresa de distribuição, e só então é realizado o pagamento, conforme o acordo.

Durante este período é feito também o marketing. O filme é um produto que precisa ser vendido, portanto, a publicidade é imprescindível para que haja público. Projetos menores, com um orçamento pequeno, provavelmente chegarão ao momento da “venda” sem dinheiro sobrando. Os filmes internacionais ganham, enfim, vantagem com sua propaganda agressiva, pois se tornam populares, comentados. A importância de festivais de cinema, como o de Gramado, se apresenta justamente na fase de promoção. Diretores independentes, que não possuem contrato com grandes estúdios, aproveitam a visibilidade gerada nos eventos para atraírem distribuidores.

Uma alternativa para a popularização de filmes, mesmo com baixa verba, foi elaborada pelos distribuidores do filme *Elena*, de 2012. A equipe usou as redes sociais para espalhar um vídeo viral, em que atores conhecidos comentavam a experiência de assistir à biografia. Funcionou, *Elena* teve mais público do que o esperado, e a importância de uma boa propaganda nos dias atuais se confirmou.

Figura 7: Estatísticas de 2009 a 2012 (ANCINE) e 2008 (Filme B)

Indicador / Indicator	Salas de Exibição / Box Office				
	2008	2009	2010	2011	2012
Público / Admissions	89.109.595	112.670.935	134.836.791	143.191.360	146.462.972
Público filmes brasileiros / Brazilian feature films admissions	8.820.706	16.075.429	25.687.438	17.689.210	15.561.688
Público filmes estrangeiros / Foreign feature films admissions	80.288.889	96.595.506	109.149.353	125.502.150	130.901.284
Renda Bruta / Gross box office	R\$ 727.509.315,00	R\$ 969.796.083,34	R\$ 1.260.373.852,47	R\$ 1.449.807.782,70	R\$ 1.612.905.880,65
Renda filmes brasileiros / Brazilian feature films gross	R\$ 69.390.862,00	R\$ 131.923.170,45	R\$ 225.958.090,35	R\$ 161.495.408,41	R\$ 157.262.028,07
Renda filmes estrangeiros / Foreign feature films gross	R\$ 658.118.453,00	R\$ 837.872.912,89	R\$ 1.034.415.762,12	R\$ 1.288.312.374,29	R\$ 1.455.643.852,58
Lançamentos / Releases	325	317	302	337	325
Lançamentos brasileiros / Brazilian releases	79	84	74	100	83
Lançamentos estrangeiros / Foreign releases	246	233	228	237	242

A tabela acima aponta a conservação de uma boa média de lançamentos brasileiros anuais. Isso significa que uma deficiência de produção cinematográfica no país seria ilusão. A grande mídia mantém o foco nas grandes produções, as quais possuem verba para divulgação, garantem alto índice de público e, logo, de renda, como ilustrado na figura 3. A aparente falta de opções é causada pela dificuldade financeira de promoção de filmes que se encontram fora da bolha das grandes produtoras. Os cinéfilos encontram uma alternativa para fugir da falta de informação novamente na internet. Sites como Filme B mantêm listas atualizadas de filmes nacionais prontos e em desenvolvimento, bastante descriptivas, além de um calendário de estreias.

Considerações finais

Considerando que o Brasil passou por uma época de grande produção e bilheteria na década de 70, seguida do decaimento da popularidade de seu cinema, até atingir o extremo fracasso no início dos anos 90, podemos afirmar que o momento atual é de reaceitação. A chamada Retomada, iniciada em 1996, trouxe elementos do que havia de mais produtivo antigamente: O Cinema Novo. Com estes preceitos, diretores de qualidade reintegraram os filmes brasileiros ao mercado mundial expondo a realidade da nossa sociedade, destacando-a.

A classe média, que representa mais da metade da população, faz-se influente na esfera cinematográfica. Grande parte dos filmes expostos nos cinemas, afinal, concebem o cotidiano e o humor comuns a esta classe. Popularizadas pela Globo Filmes, as películas apresentam conflitos amorosos habituais, situações de apelo sexual e cômico, além um time de artistas do Stand Up Comedy⁵, mantendo um padrão novelístico seguro.

Aos interessados por temáticas diferenciadas, ao contrário do que se pensa, não falta conteúdo, mas sim informação. A produção de filmes é satisfatória no Brasil, só é preciso buscar conteúdo existente além da grande mídia para inteirar-se da mesma.

Observa-se, ainda, a resistência de muitos jovens, principalmente, a aceitar o cinema nacional. Este pensamento é fruto de uma influência maior do produto internacional, que não cabe apenas à indústria cinematográfica. A comparação de nossas obras com as norte-americanas, no entanto, parece ser inevitável. Não apenas no Brasil isso ocorre, já que os Estados Unidos são referência mundial em cinema. São poucos os países que dominam o próprio mercado cinematográfico, e estes costumam possuir fortes medidas protecionistas.

Existem programas de incentivo financeiro competentes para a produção audiovisual, mas o fornecimento de verba têm se mostrado insuficiente para a valorização no mercado. Como observado, há um déficit na área de marketing, e o filme nacional perde para a propaganda da concorrência. Por isso, vale destacar que não basta fazer um filme, ele precisa chegar ao conhecimento do público. São necessários mais projetos de incentivo cultural que deem visibilidade a novos projetos, como os festivais promovidos pela Petrobras, que acontecem por todo o país.

Finalmente, cabe salientar que, no mundo inteiro, o cinema é a arte mais cara a ser executada, e o brasileiro não é o único que passa por dificuldades ao fazê-lo. Apesar disso, os cineastas do país estão evoluindo com as condições existentes e driblando outros meios de entretenimento, com o intuito de levar cada vez um público maior aos cinemas.

⁵ Espetáculo de humor em que o comediante se apresenta geralmente sozinho e de pé.

Referências

Cinema do Brasil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_do_Brasil>

EDUARDO, Cléber; VALENTE, Eduardo; VIEIRA; João Luiz. Anos 2000, 10 questões.

Disponível em: <<http://www.revistacinetica.com.br/anos2000/questao1.php>>

GARDNIER, Ruy. Crítica, cinema brasileiro e irrelevância. Disponível em: <<http://www.contracampo.com.br/01-10/criticacbeirrelevancia.html>>

História do cinema brasileiro. Departamento Cultural. Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/cinema-e-tv/historia-do-cinema-brasileiro>>

MELO, Patrícia Bandeira De. O financiamento do cinema no Brasil: as leis de incentivo e a possibilidade de autonomia. 2009. Disponível em <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu19_Melo.pdf>

MOTA, Regina. Cinema e pensamento brasileiro.

PEREIRA, André Andrade. Espiritismo: Cinema, novelas e a cultura nacional. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=381&cod_boletim=21&tipo=Artigo>

ROOS, Dave. "HowStuffWorks - Como funciona o marketing de cinema". 2008. Disponível em: <<http://lazer.hsw.uol.com.br/marketing-de-cinema.htm>>

TYSON, Jeff. "HowStuffWorks - Como funciona a distribuição de filmes". 2000. Disponível em: <<http://lazer.hsw.uol.com.br/distribuicao-de-filmes.htm>>